

# **CERIMÓNIA DE INAUGURAÇÃO DA CASA DO TEMPO, DO ECOMUSEU DO CORVO**

**Corvo, 13 de novembro de 2019**

## ***Intervenção do Presidente do Governo Regional dos Açores, Vasco Cordeiro***

Permitam-me que, em primeiro lugar, saúde a população do Corvo, os principais destinatários deste primeiro espaço físico do Ecomuseu, que vai dotar o Corvo de uma memória requalificada e viva desta ilha.

Ultrapassando o conceito tradicional de museu, este projeto agora inaugurado - que representa um investimento de cerca de 380 mil euros - foi desenvolvido não só para se constituir como um centro evocativo de memórias, como também para uma abordagem informativa e pedagógica de aspetos relevantes sobre a vida da ilha do Corvo.

Este é, também, o momento adequado para agradecer a todos os que contribuíram para a concretização da primeira fase deste projeto, todos os habitantes desta ilha, a Câmara Municipal, na pessoa do seu Presidente, José Silva, e todo o pessoal técnico da Direção Regional da Cultura, projetistas e empresa encarregue do processo.

Um agradecimento também ao Dr. Paulo Jorge Abraços Estêvão pela cedência do imóvel no qual foi edificada esta estrutura.

Como é de conhecimento geral, assiste-se atualmente a uma crescente mobilidade das populações, daí que seja cada vez mais importante valorizar os elementos patrimoniais, reinterpretando-os de acordo com a garantia da conservação.

Consolidar a memória corvina, associando-a a um produto turístico-cultural e ambiental é, precisamente, uma forma de atingirmos esse objetivo.

Entendo, por isso, que a criação deste Ecomuseu na ilha do Corvo - uma estrutura inédita nos Açores - nos deve orgulhar a todos, quer pela sua espontaneidade, quer pela sua criatividade.

Não tenho dúvidas de que se constituirá como mais um marco na história da ilha do Corvo e, por conseguinte, dos Açores, sendo, logo à partida, um excelente exemplo de modernidade.

Sabe-se que o termo 'Ecomuseu' terá sido criado em França, na década de 70, e que a ideia do conceito é fazer da comunidade parte integrante do processo museológico, quer intervindo nas suas diferentes fases, desde a conceção à execução, quer na fase posterior da sua disponibilização ao público.

Para além disso, o conceito integra questões sobre ecologia e os modos de ajustamento das atividades humanas ao ambiente, à ligação do ser humano à natureza e, por conseguinte, a uma identidade cultural muitíssimo determinada pela paisagem.

É, por tudo isso, uma obra onde se mobilizam vontades de proteção de memórias e de património e foi precisamente por isso que decidimos fazer aqui um museu diferente - um Ecomuseu.

Um Ecomuseu capaz de nos mostrar a especificidade do território insular do Corvo - a história da sua comunidade e os valores patrimoniais subjacentes, construídos, pedra sobre pedra, mão sobre mão, lembrança sobre lembrança.

Um Ecomuseu que seja laboratório do estudo do passado, do presente e do futuro, mas também centro de conservação, na medida em que a sua presença possa ajudar a preservar e a desenvolver a herança natural e cultural da população.

Um Ecomuseu que é, também, uma escola, porquanto pode e deve envolver a população no seu trabalho de estudo e proteção e encoraja a participação esclarecida na construção do seu próprio futuro.

Em suma, um Ecomuseu que passa a existir nos Açores, na ilha do Corvo, representante vivo de uma cultura que - entendida no seu sentido mais amplo - é a alavanca de fomento consciente da sua dignidade, das manifestações artísticas do seu Povo e, igualmente, de uma diversidade sem limites.

Tudo o que acabei de referir explica porque não optamos por criar na ilha do Corvo um museu, digamos, mais tradicional.

No fundo, isso seria demasiado limitador, acreditamos e, por isso, optamos por voar mais alto e fazer algo diferente e único.

Aqui o património é mais forte do que a coleção exposta no dito museu convencional, a comunidade evidencia-se em relação ao visitante e o território - a ilha - dá forma ao restante, através do meio ambiente e da natureza envolvente.

Este é um projeto que resulta de uma parceria entre o Governo dos Açores, a Autarquia e a População, envolvendo ainda especialistas, serviços e outros recursos públicos, nomeadamente o Gabinete de Apoio Técnico da Direção Regional da Cultura, que elaborou o projeto de arquitetura e de especialidades referentes à obra de reabilitação do imóvel doado para instalação da sede do Ecomuseu do Corvo.

Como sabem, o Ecomuseu do Corvo não preconiza a instalação de uma coleção visitável num determinado edifício, mas sim um sistema de redes multirelacionais que articula polos, recursos e complexos de valor patrimonial.

Por isso, podemos dizer que a Casa do Tempo que hoje inauguramos é a primeira estrutura física, através da qual o visitante poderá iniciar a sua visita e descoberta da realidade da ilha do Corvo através de cinco momentos criados.

À Casa do Tempo juntar-se-ão também a Casa de Partida, as Casas Partilhadas e a Casa dos Pássaros.

A Casa de Partida prevê o arranjo exterior do Largo da Vigia e albergará uma maquete do Núcleo Antigo da Vila do Corvo, convidando ao primeiro contacto com a ilha e a sua

comunidade; as Casas Partilhadas, um conjunto de duas moradias, com pátio comum, que serão reabilitadas de forma a sediarem as várias associações locais que poderão aqui usufruir de salas de trabalho, um espaço de reuniões e ainda um espaço que possa ser utilizado em vários contextos de manifestações culturais; e a Casa dos Pássaros, um espaço de encontro dos 'birdwatchers' que anualmente visitam a ilha, permitindo o trabalho, o convívio e a partilha das suas experiências com a comunidade local.

Por tudo isto, a instalação do Ecomuseu do Corvo é a concretização de um projeto que todos reconhecemos ser complexo e ambicioso nos objetivos estratégicos delineados, mas que, não haja dúvidas, se impõe como um grande desafio a prosseguir, porquanto já é, e ainda será mais, um alto contributo para a afirmação da ilha do Corvo no contexto regional, nacional e internacional, enquanto destino turístico de excelência, fomentando igualmente a criação de produtos endógenos de valor, suscetíveis de se imporem no mercado pela qualidade e singularidade.

Chegados aqui - com a inauguração deste espaço - devo dizer-vos que a estratégia de intervenção definida continuará a ser operacionalizada por via de projetos e ações, que, embora concretas, correspondem a um processo dinâmico e em aberto, que decorre da implementação gradual deste projeto.

Tal circunstância obriga, por um lado, a uma certa indefinição do limite temporal de concretização dos restantes espaços físicos, e por outro, a uma constante monitorização e avaliação obrigatória sobre os passos dados.

Pela nossa parte, Governo dos Açores, estamos muito confiantes perante este enorme desafio de renovação da museologia tradicional, que se baseia no princípio de que os detentores de uma identidade cultural e de um saber é que deverão ser os atores dessa mesma atividade cultural.

Ou seja, uma nova museologia que é exercida dentro do território, trabalhando o património cultural com a comunidade, fazendo da memória coletiva, muitas vezes, o espólio destes Ecomuseus.

Por tudo isso, continuaremos empenhados a apoiar as manifestações culturais advindas das nossas ilhas e, sempre que possível, na criação de condições que permitam a interpretação, o usufruto da história destas nossas nove ilhas.

Por aqui, e por ali, vão surgindo projetos inovadores que muito nos orgulham.

É o caso, por exemplo, do projeto 'De Fenais a Fenais', do Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada, que usa a Cultura como motor de desenvolvimento local das freguesias rurais e costeiras dos Fenais da Luz, Rabo de Peixe, Maia e Fenais da Ajuda para combater a exclusão social, e que foi distinguido em maio deste ano pela Associação Portuguesa de Museologia com o Prémio de Inovação e Criatividade.

Os Açores são detentores de um património vivido nas tradições do nosso quotidiano que hoje coabita com expressões culturais contemporâneas e que dão vida a uma Região culturalmente dinâmica, particular e singular, na qual tradição e modernidade constroem lado a lado a projeção cultural do presente e a salvaguarda da memória do passado.

O Governo dos Açores tem trabalhado no sentido de dotar o arquipélago de uma rede de equipamentos e de infraestruturas culturais que permitam aos agentes culturais e aos artistas dos Açores o pleno desenvolvimento dos seus projetos.

O nosso próximo desafio é o de proporcionar condições favoráveis ao intercâmbio cultural de artistas e agentes culturais para aumentar a mobilidade destes dentro e fora do arquipélago, usufruindo da imensa disponibilização dos espaços públicos culturais para exibição dos seus projetos artísticos.

Acreditamos que todo este património cultural riquíssimo - material e imaterial - que está vivo de Santa Maria ao Corvo, que se exprime não só nas criações de artistas e agentes culturais, como também em espaços públicos e na nossa comunidade açoriana, é a expressão máxima daquilo que nos pertence e que nos engrandece.

Por isso, trabalharemos todos os dias para que a renovação museográfica dos nossos museus seja constante, para que não se fechem sobre si mesmas e para que possam ser complementares, integradas e inovadoras.

A Rede Regional de Museus dos Açores - composta por um conjunto de museus que pretendem refletir o território onde se situam, o carácter das suas gentes e a história das suas comunidades - integra quatro museus regionais, quatro museus de ilha, e este Ecomuseu em concretização.

Para além da Rede Regional de Museus dos Açores, o Governo dos Açores criou, através da Direção Regional da Cultura, a Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores, a qual, para além dos Museus Regionais e de Ilha, contém também o Museu Municipal da Ribeira Grande, a Fábrica da Baleia de Porto Pim, o Museu Militar dos Açores, o Museu do Tabaco da Maia, o Museu Municipal de Vila Franca do Campo, o Museu Vulcano Espeleológico Machado Fagundes, o Museu do Carnaval e a Casa da Atafona - Memórias da Emigração.

Todas as estruturas integradas, quer na Rede Regional de Museus, quer na Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores, permitem uma cooperação e coordenação regionais, oferecendo desta forma uma visão global, integrada e regional das múltiplas facetas da cultura e história dos Açores.

Com a construção em curso do Museu Francisco Lacerda, em São Jorge, com a empreitada da segunda fase do Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada, e com a execução do projeto para o Núcleo de Construção Naval do Museu do Pico, em Santo Amaro, para além deste projeto no Corvo, o Governo dos Açores completará um ciclo de renovação museográfica, que representa um investimento de cerca de nove milhões de euros.

Chegados aqui, deixem-me dizer-vos que tenho a certeza de que, na generalidade, os Açorianos, vivam eles aqui no Corvo, em Santa Maria, na Graciosa, nas Flores ou em qualquer uma das restantes ilhas, têm plena consciência não só da dimensão deste arquipélago, como também das necessidades de cada uma das nossas nove ilhas.

Por isso, creio que quase todos sabem que a ilha do Corvo é aquela que nos completa como Açorianos, que nos diferencia como arquipélago geograficamente disperso em nove ilhas e que nos une como Região Autónoma dos Açores.

Muito obrigado pela vossa atenção e parabéns à população do Corvo.